



FILOSOFIA DO CORPO E FENOMENOLOGIA DA CARNE EM MICHEL HENRY

Philosophy of the body and phenomenology of the flesh in Michel Henry

Janilce Silva Praseres*

Resumo: O objetivo do presente artigo é apresentar, brevemente, alguns aspectos da Filosofia do Corpo e Fenomenologia da Carne em Michel Henry, demarcando a fundamentação filosófica biraniana. Na obra *Philosophie et phénoménologie du corps* (escrita nos anos de 1948-1949 e originalmente redigida como parte da obra *L'essence de la Manifestation*, todavia, publicada somente em 1965 devido a normas acadêmicas em vigor) Michel Henry realiza um estudo sobre as concepções biranianas com o escopo de erigir o caráter concreto da subjetividade.

Palavras-chave: Michel Henry, Corpo, Fenomenologia, Maine de Biran.

Abstract: The purpose of this article is to briefly present some aspects of the Body Philosophy and Phenomenology of the Flesh in Michel Henry, demarcating the biranian philosophical foundation. In the work *Philosophie et phénoménologie du corps* (written in the years 1948-1949 and originally written as part of the work *L'essence de la Manifestation*, nevertheless published only in 1965 due to current academic norms) Michel Henry carries out a study on the conceptions with the aim of erecting the concrete character of subjectivity.

Keywords: Michel Henry, Body, Phenomenology, Maine de Biran.

* Doutoranda em Filosofia pela Universidade da Beira Interior - UBI, Covilhã, Portugal. Bolsista Capes do Programa Doutorado Pleno no Exterior. Investigadora do Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa – CEFi/UCP e no LabCom.IFP: unidade de investigação da área de Comunicação, Filosofia e Humanidades da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior - UBI. Membro dos Grupos de Pesquisa de Fenomenologia da Vida da Faculdades EST e do Grupo de Pesquisa Fenomenologia do Corpo e da Afetividade da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. E-mail: janilcesilva310@gmail.com.

«Mas justamente o corpo é subjectivo (Sartre, Ponty, e sobretudo M. Henry),
vive-se de dentro para fora e é por isso que a morte nos surpreende»

Vergílio Ferreira, em *Invocação ao meu corpo*¹

Introdução

O que torna necessária a questão do corpo? É, sobretudo, pela busca de pretender explicar a realidade humana em seu ser autêntico e em sua totalidade que a questão do corpo na definição de homem se faz fundamental. O pensamento de Michel Henry (1922-2002), filósofo francês, nos remete, assim, para um estudo da subjetividade que se volta à existência de um corpo, de um ser real encarnado e não para um “sujeito descarnado”².

A fenomenologia henryana buscou, mormente, seguir em “outra” direção, quando propôs dilucidar acerca não do pericarpo da fenomenologia, mas, da semente, do seu inverso, o seu “inverso esquecido”, ao perfilar, aprumar o sentido de uma fenomenologia não-intencional que não “deixa escapar os modos originais e fundamentais como a fenomenalidade se fenomenaliza”³. É a partir de uma *reversão da fenomenologia* que a não-intencionalidade recebe seu sentido e que Michel Henry defende rigorosamente sua tese rompendo, assim, com o “simulacro” do aparecer.

Ainda nessa esteira, o pensamento henryano ao salvaguardar e defender aquilo que nos é mais certo, a Vida⁴, submete o debate contra efígie da ciência e denuncia o que chamou de “redução

¹ FERREIRA, V. *Invocação ao meu corpo*. 3. ed. Lisboa: Bertrand Editora, 1994, p.258.

² HENRY, M. *Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. Trad. Luiz P. Rouanet. São Paulo: É Realizações Editora, 2012, p. 16: “como o espectador Kantiano dos *Paralogismos*, é um puro espírito que sobrevoa o mundo, e seu próprio corpo não pode nem intervir no conhecimento que ele tem do universo, nem constituir objeto de uma interrogação especial: constitui, a rigor, uma curiosidade “emprítica”, desprovida de qualquer dignidade filosófica”.

³ HENRY, M. *Fenomenologia não-intencional: tarefa para uma fenomenologia futura*. Trad. José Rosa. Covilhã: LusoSofia: press, 2006, p. 01.

⁴ HENRY, M. “O que é isto a que chamamos vida?” In: MARQUES, R. V.; MANZI FILHO, R. (Orgs.). *Paisagens da fenomenologia francesa*. Curitiba: Editora UFPR, 2011, p. 199: “A vida é uma noção bem vaga com significações múltiplas, haja vista que se refere tanto aos fenômenos elementares, como os da nutrição ou da reprodução, que se encontra em todos os seres tendo atingido um grau mínimo de organização, quanto à atividade cotidiana dos homens ou, enfim, às suas mais altas experiências espirituais. O “conteúdo e significação encomiástica” da palavra “vida”, os prestígios dos filósofos românticos que exaltaram a sua expansão não repousariam simplesmente nesta confusão? Vincula-se ainda à ideia a da espontaneidade que desvaloriza, de uma só vez, o mecanicismo, a lógica, a pálida abstração e a própria razão. É para se esquivar da irrealidade de produções ideais que nos mergulhamos na vida, quer seja ela instintiva ou inconsciente, sobrenatural ou mística. Entretanto, se uma filosofia rigorosa erigia a conta exata destas diversas significações, ela reencontra sem dúvida, em cada uma delas, uma mesma essência misteriosa, visada para si mesma ou por analogia, a que faz com que, nós também, sejamos viventes. Daí porque quando, abrindo o velho livro, nós lemos: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”, quando Kierkegaard escreve que “a Verdade é aquilo pelo qual se gostaria de viver ou morrer”, ou quando Marx declara: “Não é a consciência dos homens que determina suas vidas, mas suas vidas que determinam sua consciência”, nós somos, apesar dos progressos da análise da linguagem, atingidos no fundo de nós mesmos e abalados em nosso ser mesmo. O que é,

galileana”⁵, que consiste na desconsideração das impressões, sensações e de tudo aquilo que é relativo à esfera da subjetividade, ora o ser humano se define por essa subjetividade absoluta, por essa condição material, corporal contingente. “O que assim está posto em questão é, então, a interpretação ontológica da redução galileana (...) ao considerar o humano, com tudo o que pensa e experiencia, determinado por elementos que lhe são estranhos: partículas microfísicas”⁶.

O diagnóstico henryano assinala, ainda, a crise do sujeito, do humanismo e uma contradição na cultura onde a “racionalidade ética” é colocada como “uma ética com pretensões a ser ciência da ação depende de sempre uma “metafísica representativa” que determina finalidades e objectivos exteriores, fora da subjectividade radical da vida”⁷. Aponta, ainda, a supremacia da “técnica”, da utilização do saber da técnica em desvalorização a vida.

Embora Michel Henry toque em diversos temas, que lhe foram pertinentes, enternecedores e que compreendem a realidade humana, este pequeno artigo propõe-se a tratar, brevemente, da filosofia do corpo e da fenomenologia da carne no pensamento henryano, o que poderá ser lido doravante possui o propósito de refletir, repensar, meditar acerca da filosofia do corpo e da fenomenologia da carne para compreendermos, de modo diáfano, um momento decisivo da história da fenomenologia contemporânea, do qual o pensamento de Michel Henry é temerário.

No ano 2000, é publicada a obra *Incarnation: une philosophie de la chair*⁸, na qual Michel Henry estabelece que “análise do corpo jamais poderá tornar-se a de nossa carne (...) ao contrário: só a nossa carne nos permite conhecer, nos limites prescritos por essa pressuposição incontornável, algo como um ‘corpo’”⁹. Ao iniciarmos a nossa reflexão, nossa breve “odisseia” sobre o corpo, apresentamos a posição de Michel Henry sobre esta perspectiva e a tessitura de seu pensamento. É no contexto de uma análise acerca do pensamento de Maine de Biran (1766-1824) que Michel Henry defende e assume a posição biraniana do corpo como sendo subjetivo, a expressão de um corpo subjetivo, ou antes, da própria subjetividade.

então, isto a que chamamos vida?” Tradução de Rodrigo V. Marques. Conferência pronunciada na Universidade de Québec em Trois-Rivières, em primeiro de novembro de 1977.

⁵ HENRY, M. *As ciências e a ética*. Trad. Florinda Martins. Covilhã: LusoSofia:press, 2010, p. 04.

⁶ Ibid., pp. 09-10.

⁷ ROSA, J. M. S. R. *O ‘ethos’ da Ética na Fenomenologia radical de Michel Henry*. Covilhã: LusoSofia:press, 2006, p. 04.

⁸ HENRY, M. *Incarnation: une philosophie de la chair*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

⁹ HENRY, M. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações Editora, 2014, p. 14.

1. Filosofia do corpo e fenomenologia da carne em Michel Henry

Michel Henry apresenta-se como um crítico da tradição filosófica, mais precisamente, da fenomenologia histórica¹⁰ (husserliana e heideggeriana). Ao interpelar a fenomenologia intencional, ele assume a pretensão de fundar a não-intencionalidade¹¹ e estabelecer uma fenomenologia não-intencional. É a tarefa de acompanhar a seta henryana em direção *ao avesso esquecido*.

Esse posicionamento, esse lastro henryano sugere que: i. “A fenomenologia de Husserl¹² não ignorou o não-intencional, mas designou-o de hylé [matéria]¹³, uma sedimentação fundamental da consciência”¹⁴; ii. “Quanto mais o princípio do que vemos escapa ao ver, mais fortemente se faz sentir a necessidade de uma fenomenologia não-intencional e mais se imporá o seu poder”¹⁵. Por conseguinte, a questão que me ocupa e que se delinea é um breve estudo sobre o fenômeno da “interioridade”, sobre este eu que se sente na sua própria carne, na vivência subjetiva, de um corpo subjetivo. “Ora, a carne significa a interioridade do corpo vivido, subjetivo, cujo traço fundamental é a sua passibilidade”¹⁶. Essa problemática se anuncia assim:

Que todo fenômeno possa ser vivido de duas maneiras, exteriormente e interiormente, experimentamos constantemente com um fenômeno que justamente nunca nos abandona: nosso corpo. Pois, de um lado, vivo interiormente esse corpo, coincidindo

¹⁰ HENRY, M. *Fenomenologia não-intencional: tarefa para uma fenomenologia futura*. Trad. José Rosa. Covilhã: LusoSofia: press, 2006, p. 05: “numa linguagem que revela a estreita afinidade de tal fenomenologia histórica com a filosofia clássica, «toda a consciência é consciência de alguma coisa». Por um lado, temos o aparecer (a consciência) e, por outro, temos alguma coisa, o ente”.

¹¹ CARDOSO, A. “Apresentação”. In: KÜHN, R. *Ipseidade e Praxis Subjetiva: abordagens fenomenológicas e antropológicas segundo o pensamento de Michel Heny*. Trad. José Rosa, Helena de Jesus e Adelino Cardoso. Lisboa: Edições Colibri, 2010, p.09: “Num gesto típico de Henry, no seu modo de afrontar verdades estabelecidas, o Fenomenólogo pergunta pelo modo de apreensão da própria intencionalidade: se a intencionalidade revela tudo, como é que ela própria se revela?”

¹² CROWELL, S. A fenomenologia husserliana. In: DREYFUS, H. L.; WRATHALL, M. A. (Orgs.) *Fenomenologia e Existencialismo*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 24: “Edmund Husserl nasceu no dia 08 de abril de 1859, em Prossnitz, Morávia (região da Europa central que constitui atualmente a parte oriental da República Checa), de família judia, mas batizado como luterano em 1886. Foi, inicialmente, matemático, somente decidindo-se pela filosofia depois de conhecer Franz Brentano, um de seus principais mestres. Com a morte de Husserl, em 1938, toda a sua “produção foi ameaçada de destruição pelas mãos dos nazistas, mas um clérigo belga, H. L. van Breda, contrabandeou-a para fora da Alemanha e estabeleceu o arquivo de Husserl em Leuven (na Bélgica)”.

¹³ HENRY, M. *Fenomenología Material*. Ensayo preliminar de Miguel García-Baró. Trad. Javier Teira y Roberto Ranz. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009, p. 41: “En el §85 de *Ideas I* Husserl propone una definición explícita de lo que entiende por «fenomenología hylética» - definición que pone en juego los hallazgos decisivos de la fenomenología y, en cierto modo, los fundamentos de sus tesis esenciales -. En el flujo de la subjetividad absoluta, o de la conciencia, han quedado disociados los momentos reales y los irreales”.

¹⁴ HENRY, M. *Fenomenologia não-intencional: tarefa para uma fenomenologia futura*. Trad. José Rosa. Covilhã: LusoSofia: press, 2006, ..., p. 13.

¹⁵ *Ibid.*, p. 18.

¹⁶ CARDOSO, A. “Apresentação”. In: KÜHN, R. *Ipseidade e Praxis Subjetiva: abordagens fenomenológicas e antropológicas segundo o pensamento de Michel Heny*. Trad. José Rosa, Helena de Jesus e Adelino Cardoso. Lisboa: Edições Colibri, 2010, p.011.

com ele e com o exercício de cada um de seus poderes: eu vejo, ouço, cheiro, movo as mãos e olhos, tenho fome, frio, de tal modo que *eu sou esse ver*, esse ouvir, esse cheirar, esse movimento, essa fome, que eu me precipito inteiro em sua pura subjetividade, a ponto de não poder me diferenciar deles –fome, sofrimento, etc. – em nada. De outro lado, e ao mesmo tempo, eu vivo exteriormente esse mesmo corpo por ser capaz de vê-lo, tocá-lo, representá-lo a mim mesmo como objeto, realidade exterior próxima aos outros objetos¹⁷.

Ora, como falar de “fenômeno” da interioridade se “fenômeno” para os gregos, “designa o que brilha, o que se mostra sob a luz, de tal modo que se mostra significa mostrar-se sob a luz. O que mostra, o que faz ver, é a própria luz. Ver é participar da luz, penetrá-la, ser iluminado por ela – é ser mundo”¹⁸. Esta afirmação acerca do fenômeno conduz explicitamente um conjunto de pistas que expõem, desde já, as implicações desta investigação no interior da fenomenologia henryana.

A questão da fenomenalidade do corpo, do corpo que eu sou, é imprescindível para a compreensão da determinação do corpo, um qualquer corpo, dado que a compreensão deste é feita por aquele que a si se reconhece enquanto encarnado. Não admira que esta questão atravesse a história da filosofia moderna e contemporânea, como que em contraponto com outras posições que lhe denunciam as pretensões¹⁹.

Reconduzir a questão do corpo e da carne, da encarnação, é esgueirar-se sinuosamente do binômio corpo-carne constituído por uma proposição como “ser corporal”²⁰, consistindo apenas em ter um corpo. Todavia, o que queremos é ir mais fundo, no latejo de uma dualidade “originária” de outra ordem, que vai do propriamente interior ao exterior que vai desde a carne viva (ser carne)²¹ ao corpo que padece. De início procurar-se-á familiarizar-se com o modo como Michel Henry pôde pensar o corpo ao investigar as instâncias reflexivas que suportam suas análises.

Queremos falar dos seres encarnados que somos nós, os homens, desta condição singular que é a nossa. Mas esta condição, o fato de ser encarnado, nada mais é que a encarnação. Sucede, porém, que a encarnação não consiste em ter um corpo, em se propor desse modo como um “ser corporal” e, portanto, material, parte integrante do universo a que se confere o mesmo qualificativo. A encarnação consiste no fato de ter uma carne; mais, talvez de ser carne. Seres encarnados não são, pois, corpos inertes que não sentem e não experimentam nada, sem consciência de si mesmos nem das coisas. Seres encarnados são seres padecentes, atravessados pelo desejo e pelo medo, e que sentem toda a série de impressões ligadas à carne porque estas são constitutivas de sua substância – uma substância impressional, portanto, *que começa e termina com o que experimenta*. Definida por tudo aquilo de que um corpo se acha desprovido, a carne não poderia confundir-se com ele; ela é antes, por assim dizer, o exato contrário. Carne e corpo

¹⁷ HENRY, M. *Ver o invisível sobre Kandinsky*. Trad. Marcelo Rouanet. São Paulo: É Realizações Editora, 2012, p. 13.

¹⁸ *Ibid.*, p.16.

¹⁹ MARTINS, F. “O que pode um corpo? Apresentação do Projecto”. In: MARTINS, F., PEREIRA, A. (Coord.) *Michel Henry: o que pode um corpo?*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2010, p. 13.

²⁰ HENRY, M. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações Editora, 2014, p. 13.

²¹ *Ibid.*, p. 13: “Seres encarnados não são, pois, corpos inertes que não sentem e não experimentam nada, sem consciência de si mesmos nem das coisas. Seres encarnados são seres padecentes, atravessados pelo desejo e pelo medo, e que sentem toda a série de impressões ligadas à carne porque estas são constitutivas de sua substância – uma substância impressional, portanto, *que começa e termina com o que experimenta*”.

opõem-se como o sentir e o não sentir – o que desfruta de si, por um lado; a matéria cega, opaca, inerte, por outro. Tão radical é essa diferença, que por mais evidente que pareça, nos é muito difícil, e até impossível, pensá-la verdadeiramente²².

A propósito destas ponderações é importante salientar que na obra *Philosophie et phénoménologie du corps* (escrita nos anos de 1948-1949 e originalmente redigida como parte da obra *L'essence de la Manifestation*²³, todavia, publicada somente em 1965²⁴ devido a normas acadêmicas em vigor) Michel Henry realiza um estudo sobre as concepções biranianas com o escopo de erigir o caráter concreto da subjetividade.

É partindo de uma reflexão acerca da significação do corpo no quadro duma filosofia biraniana, numa evocação que vai de Maine de Biran a Husserl, passando por Espinosa, Hume, Condillac, Descartes e outros, que Henry põe em diálogo a afetividade, a subjetividade, o movimento, o sentir, o esforço, a memória e o desejo, inscrevendo-os na imanência da vida, para conduzir a aspectos essenciais que uma teoria da interioridade, do corpo subjetivo, deve abordar.

A originalidade e a relevância de Maine de Biran não consistem somente no primado que conferiu ao corpo, mas antes em estabelecer a edificação de uma ontologia da subjetividade, de uma “consciência” corpórea do eu, do corpo na gênese da própria consciência. “É por ter descoberto o estatuto subjetivo do corpo próprio, a partir da experiência do movimento, que Maine de Biran tem na história da filosofia o lugar que é o seu”²⁵. O reconhecimento da originalidade da questão do corpo em Biran não foi apontada apenas por Michel Henry²⁶. Também

²² Ibid., p. 13.

²³ HENRY, M. *L'essence de la manifestation*. 3. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2003. 1^a édition (en 2 tomes) 1963.

²⁴ HENRY, M. *Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora É Realizações, 2012, p.07.

HENRY, M. *Philosophie et phénoménologie du corps: essai sur l'ontologie biranienne*. 5. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.

²⁵ AZOUVI, F. “La Triplicité des points de vue sur le corps dans la philosophie de Maine de Biran”. In *Revue philosophique de Louvain*, 1-2 (2005), p. 6.

²⁶ UMBELINO, L. A. *Somatologia Subjectiva: a percepção de si e Corpo em Maine de Biran*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010, p. 02: “A garra do pensamento biraniano foi celebrada por Bergson que, mesmo tendo escrito pouco sobre Biran, não permite grandes dúvidas sobre a sua opinião nas poucas linhas que dedicou ao pensador de Bergerac. Em *La philosophie française* declarou: “Desde o começo do século, a França teve um grande metafísico, o maior que produziu depois de Descartes e Malebranche: Maine de Biran (...). Pouco notada no momento em que surgiu, a doutrina de Maine de Biran exerceu uma influência crescente: podemos perguntar-nos se a via que este filósofo inaugurou não é aquela pela qual a metafísica deve avançar definitivamente”. F. Ravaisson – cujo modo de acolhimento do biranismo merece ser estudado – celebrará também a singularidade da obra de Biran ao reconhecê-la, no contexto da história da filosofia francesa, como promessa de um “realismo ou positivismo espiritualista, tendo por princípio gerador a consciência que o espírito toma nele próprio de uma existência, reconhecendo que desta deriva e depende toda e qualquer outra existência, e que mais não é do que a sua acção”.”

Merleau-Ponty, que meditou a filosofia de Biran nas suas aulas na *École Normale Supérieure* dedicadas ao tema clássico da “união da alma e do corpo”²⁷. Apesar de um desacordo de princípio – marcado por um preconceito em relação à análise *reflexiva* e, eventualmente, pela noção biraniana de “interioridade” que, numa primeira análise pelo menos, é sem dúvida muito difícil de conciliar com a tese de que “não há homem interior, o homem está no mundo, é o mundo que se conhece” -, Merleau-Ponty não deixou de notar, com lucidez, a originalidade e fecundidade das propostas filosóficas do autor do *Mémoire sur la décomposition de la pensée*. Sublinhará, desde logo, a profundidade de uma filosofia que não parte de um ser encerrado na consciência que tem de si próprio, mas de um ser que está “em vias de tomar consciência de que existe, que luta contra uma opacidade prévia, um ser que procura ‘tornar-se eu’”. Nesta evidência, que diz respeito ao sujeito do esforço, lê Merleau-Ponty o gesto de regresso a um aquém fundador de todas as construções abstractas, a um vivido de si, que merece ser saudado como precursor da fenomenologia. Neste sentido, declarará: “antecipando-se à fenomenologia, Biran parece orientar-se aí para uma filosofia indiferente à distinção entre interior e exterior”²⁸.

Bem como Merleau-Ponty²⁹ leu, meditou e reconheceu a importância Maine de Biran, Michel Henry lhe dirigiu elogios, distinguindo-o pela coragem em asseverar e edificar o que está envolvido no estatuto da realidade humana, o estatuto da subjetividade do corpo. Henry assinala que “o pensamento biraniano não tem nada a ver com introspecção, com a vida interior *tal como podiam compreendê-la os neokantianos*, e tampouco com a intuição de Bergson”³⁰. Para Henry, é sobre esta interioridade original biraniana que deve se movimentar a filosofia primeira para uma análise ontológica do corpo.

Michel Henry anuncia no preâmbulo da obra *Philosophie et phénoménologie du corps*³¹ a importância da elucidação do ser do *ego* no projeto de uma ontologia fundamental, de uma redução fenomenológica que busca discernir a natureza do saber originário. “O homem, como sabemos, é um sujeito encarnado, seu conhecimento se situa no universo, as coisas lhe são dadas sob perspectivas que se orientam a partir de seu próprio corpo”³².

É nesta mesma obra que Michel Henry se refere a Maine de Biran como, talvez, o único filósofo a compreender “a necessidade de determinar originariamente nosso corpo como *um corpo subjetivo*”³³,

²⁷ MERLEAU-PONTY, M. *L'union de l'âme et du corps chez Malebranche, Biran et Bergson*. Paris: Vrin, 2002, pp. 46-81.

²⁸ UMBELINO, L. A. *Somatologia Subjectiva: a percepção de si e Corpo em Maine de Biran*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010, p. 5.

²⁹ DUCHÊNE, J. “Merleau-Ponty lecteur de Biran: a propos du corps propre”. In *Revue philosophique de Louvain*, 1-2 (2005), pp. 42-64.

³⁰ HENRY, M. *Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora É Realizações, 2012, p. 19

³¹ HENRY, M. *Philosophie et phénoménologie du corps: essai sur l'ontologie biranienne*. 5. ed. Paris: P. U. F., 2003, p.01: “Introduction: La contingence apparente de la question concernant le corps et la nécessité d'une analyse ontologique du corps”.

³² HENRY, M. *Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora É Realizações, 2012, p. 16.

³³ *Ibid.*, p. 18.

surge, então, a partir desta afirmação, juntamente com a incompreensão³⁴ da filosofia biraniana, diversas considerações e conclusões muitas vezes errôneas. Será acerca de um sentidor interior designado pelo pensamento biraniano que Michel Henry se dedicará e também estabelecerá como morada de seu pensamento.

Jean Patocka (...) referindo-se nomeadamente à questão da corporeidade, resumiu-o nos seguintes termos: “a maneira de ver e de trabalhar dos fenomenólogos franceses é guiada sem dúvida, pelo menos em parte, pelo exemplo de Maine de Biran”³⁵. Sem deixar de ser polêmica, a afirmação do fenomenólogo checo é suficientemente prudente para ser certa: não se trata de saber a que ponto pode ser o biranismo interpretado fenomenologicamente – tarefa no mínimo, problemática –, mas antes, isso sim de constatar a que ponto é significativo o facto de ser possível fazer uma história da influência contemporânea de Maine de Biran através das ‘inflexões da fenomenologia na segunda metade do séc. XX’^{36 37}.

De posse da exposição daquilo que Maine de Biran determina como corpo, Michel Henry visa resgatar a passividade no seio da ontologia biraniana, tendo em consideração, como ele afirma, que “nosso corpo é um ato, mas é com frequência um ato que não age, nosso corpo é essencialmente movimento, mas trata-se também de um movimento imóvel”³⁸. Embora Henry afirme que foi prodigiosa a forma com que Maine de Biran alcançou a conceção de corpo subjetivo como “corpo do esforço” e deu conta da riqueza conceitual da análise do corpo, o biranismo permaneceu preso ao dualismo.

Considerações finais

Michel Henry, assim como Maine de Biran, conduz suas análises para uma revalorização e ressignificação do corpo como tema filosófico primordial. Para Henry, a existência humana é uma experiência original, uma experiência associada ao mundo. Experiência que na sua imediatez não é percebida pelo sujeito ativo, consciente, mas que constitui o solo de sua significação. A defesa e

³⁴ HENRY, M. *Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora É Realizações, 2012, p. 18: “a significação da obra de Maine de Biran foi tão raramente compreendida, esse é um fato que não deixará de surpreender enquanto não se tiver refletido sobre a posição singular de seu autor no movimento filosófico francês do século XIX. Pois, apesar das aparências, Maine de Biran foi um dos filósofos mais isolados que jamais existiu. Costuma-se situá-lo na origem de uma corrente de pensamento que continuaria por meio de Lachelier, Boutroux, Ravaisson, Lagneau, até Bergson – corrente de pensamento “espiritualista”, que se caracteriza por uma atenção prestada à “vida interior”, por “uma tendência introspectiva”. Isto consistia em cometer a seu respeito um pesado contrassenso, que comprometeria de maneira definitiva a compreensão de sua obra”.

³⁵ PATOCKA, J. *Papiers phénoménologiques*, Million, Grenoble, 1995, p.15: “Les phénoménologues français, guides sans doute, du moins en partie, par l'exemple de Maine de Biran, ont une autre manière de voir et de travailler”.

³⁶ BARBARAS, R. “Présentation”. In: *Les études philosophiques*. Paris:P.U.F. avril-juin 2000, p. 146.

³⁷ UMBELINO, L. A. F. C. *Somatologia Subjectiva: apercepção de si e Corpo em Maine de Biran*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010, p. 4.

³⁸ HENRY, M. *Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora É Realizações, 2012, p. 201.

tematização de um ponto de vista do sentido intrínseco, irredutível ao ponto de vista da representação, confirma a teoria do corpo subjetivo, da revelação da presença do corpo próprio presente nessa esfera da subjetividade. Michel Henry encara o problema da constituição do corpo³⁹ e reclama para a fenomenologia o ser real das coisas, o ser que foi deixado para trás, o fenómeno e a fenomenalidade do fenómeno.

Referências

- AZOUVI, F. “La Triplicité des points de vue sur le corps dans la philosophie de Maine de Biran”. In: *Revue philosophique de Louvain*, t. 103, 1-2, pp. 6-15, 2005.
- BARBARAS, R. “Présentation”. In: *Les études philosophiques*. Paris: P.U.F. avril-juin 2000.
- CARDOSO, A. “Apresentação”. In: KÜHN, R. *Ipseidade e Praxis Subjectiva: abordagens fenomenológicas e antropológicas segundo o pensamento de Michel Heny*. Trad. José Rosa, Helena de Jesus e Adelino Cardoso. Lisboa: Edições Colibri, 2010, pp. 9-12.
- CROWELL, S. “A fenomenologia husserliana”. In: DREYFUS, H. L.; WRATHALL, M. A. (Orgs.) *Fenomenologia e Existencialismo*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti e de Luciana Pudenzi. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- DUCHÊNE, J. “Merleau-Ponty lecteur de Biran: a propos du corps propre”. In: *Revue philosophique de Louvain*, t. 103, 1-2, pp. 42-64, 2005.
- FERREIRA, V. *Invocação ao meu corpo*. 3. ed. Lisboa: Bertrand Editora, 1994.
- HENRY, M. *L'essence de la manifestation*. Paris: PUF, 1963.
- _____. *L'essence de la manifestation*. 3. ed. Paris: Épipiméthée, PUF, 2003.
- _____. *Incarnation: une philosophie de la chair*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- _____. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nogueu. São Paulo: Editora É Realizações, 2014.
- _____. *Fenomenología material*. Ensayo Preliminar de Miguel García-Baró. Trad. Javier Teira y Roberto Ranz. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.
- _____. *Philosophie et phénoménologie du corps: essai sur l'ontologie biranienne*. 5. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.
- _____. *Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. Trad. Luiz Paulo Rounet. São Paulo: Editora É Realizações, 2012.
- _____. *Ver o invisível: sobre Kandinski*. Trad. Marcelo Rouanet. São Paulo: Editora É Realizações, 2012.
- _____. “Indicações biográficas: entrevista de Michel Henry com Roland Vaschalde”. Trad. Rodrigo Vieira Marques. In: MARQUES, R. V.; MANZI FILHO, R. (Orgs.). *Paisagens da fenomenologia francesa*. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2011, pp. 215-224.
- _____. “O que é isto a que chamamos vida?”. In: MARQUES, R. V., MANZI FILHO, R. (Orgs.). *Paisagens da fenomenologia francesa*. Trad. Rodrigo Vieira Marques. Conferência pronunciada na Universidade de Québec em Trois-Rivières, em primeiro de novembro de 1977. Curitiba: Editora UFPR, 2011.
- _____. *As ciências e a ética*. Trad. Florinda Martins. Covilhã: LusoSofia: Press, 2010. Disponível em: www.losofia.net. Acesso em: 18 abril de 2013.
- _____. *Fenomenologia não-intencional*. Trad. José Rosa. LusoSofia: Press, 2006. Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em: 18 abril 2013.
- KÜHN, R. *Ipseidade e Praxis Subjectiva: abordagens fenomenológicas e antropológicas segundo o pensamento de Michel Heny*. Trad. José Rosa, Helena de Jesus e Adelino Cardoso. Lisboa: Edições Colibri, 2010.
- MARQUES, R. V., MANZI FILHO, R. (Orgs.). *Paisagens da fenomenologia francesa*. Curitiba: Editora UFPR, 2011.
- MARTINS, F., PEREIRA, A. (Org.). *Michel Henry: o que pode um corpo?*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2010.

³⁹ A esse respeito consultar também o tópico *A teoria da constituição do corpo próprio do capítulo III de Ideen II. A tripla ocultação da possibilidade transcendental do “eu posso”, da existência do corpo orgânico da localização nele de nossas impressões*, In: HENRY, M. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nogueu. São Paulo: Editora É Realizações, 2014, pp. 226-232.

- MARTINS, F. “O que pode um corpo? Apresentação do Projecto”. In: MARTINS, F., PEREIRA, A. (Coord.). *Michel Henry: o que pode um corpo?*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2010, pp. 11-38.
- MERLEAU-PONTY, M. *L’union de l’âme et du corps*: chez Malebranche, Biran et Bergson. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2002.
- PATOCKA, J. *Papiers phénoménologiques*. Grenoble: Million, 1995.
- ROSA, J. M. S. *O ‘ethos’ da ética*. Estudos de fenomenologia, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006. Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em: 15 de junho de 2013.
- UMBELINO, L. A. F. C.. *Somatologia subjectiva. Apercepção de si e Corpo em Maine de Biran*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010.

Recebido em: 30/10/2017

Aprovado para a publicação em: 25/11/2017